

O LEGADO DE HENRI LEFEBVRE PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA GEOGRAFIA CORPORIFICADA

Joseli Maria Silva

Professora Doutora de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, Brasil

Email: joseli.genero@gmail.com

Marcio Jose Ornat

Professor Doutor de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, Brasil

Email: geogenero@gmail.com

Alides Baptista Chimin Junior

Professor Doutor de Geografia, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava – PR, Brasil

Email: alides.territoriolivres@gmail.com

Resumo

Este texto evidencia a proposta da filosofia lefebvriana sobre a relação corpo e espaço e a sua paradoxal impermeabilidade na geografia brasileira, já que este campo foi fortemente influenciado pelas ideias de Lefebvre. Para cumprir tal intento realizamos um levantamento das discussões do corpo na obra *The Production of Space* ([1974] 1991) e uma sondagem sobre este tema em 90 periódicos (on-line) que fazem parte do Sistema Qualis da CAPES (todos os estratos com base no triênio 2013-2015), totalizando 17.636 artigos entre 1974 e 2013. Embora a obra de Lefebvre trate do corpo humano como capacidade de produzir espaço e um meio pelo qual as pessoas podem retomar o poder sobre sua vida cotidiana, a geografia brasileira negligenciou o corpo nesta abordagem, tomando como principal referência sua abordagem marxista. Contudo, o corpo recentemente tem sido um elemento de interesse por parte da geografia brasileira e a monumental obra de Lefebvre permanece como notável fonte de inspiração.

Palavras-chave: corpo; espaço; geografia brasileira; Henri Lefebvre.

THE HENRI LEFEBVRE'S LEGACY TO BUILD AN EMBODIED GEOGRAPHY

Abstract

This text aims to highlight the proposal of the Lefebvrian philosophy about body and space relation and its paradoxical impermeability in the Brazilian geography, since this author has a strong influence on this field of thought. In order to fulfil this purpose, we conducted a survey of body discussions in *The Production of Space* ([1974] 1991) and a survey on this subject in 90 journals (on-line) that are part of the CAPES Qualis System (all levels and based on the triennium 2013-2015), totalling a universe of 17,636 articles, covering the period between 1974 and 2013. Although Lefebvre's work treats the human body as a capacity to produce space and a means by which people can take back the power over their daily life, the Brazilian geography neglected the body in this approach, taking only its Marxist approach as a reference. However, the body has recently been an element of interest for the Brazilian geography and the monumental work of Lefebvre remains a notable source of inspiration.

Key words: body; space; Brazilian geography; Henri Lefebvre.

EL LEGADO DE HENRI LEFEBVRE PARA LA CONSTITUCIÓN DE UNA GEOGRAFÍA CORPORIFICADA

Resumen

Este texto evidencia la propuesta de la filosofía lefebvriana sobre la relación cuerpo y espacio y su paradójal impermeabilidad en la geografía brasileña, ya que este campo fue fuertemente influenciado por las ideas de Lefebvre. Para cumplir tal intento realizamos un levantamiento de las discusiones del cuerpo en la obra *The Production of Space* ([1974] 1991) y un sondeo sobre este tema en 90 periódicos (on-line) que forman parte del Sistema Qualis de la CAPES (todos los estratos con base

em el trienio 2013-2015), totalizando 17.636 artículos entre 1974 y 2013. Aunque la obra de Lefebvre trata del cuerpo humano como capacidad de producir espacio y un medio por el cual las personas pueden retomar el poder sobre su vida cotidiana, la geografía brasileña descuidó el cuerpo en este abordaje, tomando como principal referencia su enfoque marxista. Sin embargo, el cuerpo recientemente ha sido un elemento de interés por parte de la geografía brasileña y la monumental obra de Lefebvre permanece como una notable fuente de inspiración.

Palabras-clave: cuerpo; espacio; geografía brasileña, Henri Lefebvre.

Introdução

Neste texto exploramos o paradoxo entre a proposta da relação corpo e espaço na filosofia lefebvriana, cuja abordagem estimulou fortemente a geografia urbana brasileira, e a impermeabilidade das abordagens do corpo neste campo de saber, trazendo os tensionamentos de produções recentes sobre as corporalidades na geografia brasileira. Segundo Damiani (2012) é possível afirmar que houve uma sólida constituição teórico-metodológica designada como marxista-lefebvriana durante os anos 90 na geografia brasileira para a compreensão sobre a produção do espaço geográfico que se prolonga até hoje. A maior parte das referências ao pensamento de Henri Lefebvre estão associadas ao marxismo e à noção de produção do espaço pelo caráter das relações sociais e econômicas capitalistas. Entretanto, sua obra intelectual permite constituir outros caminhos imaginativos de espaço, notadamente pela ideia de que o espaço é profundamente político e ideológico e pela importância do corpo humano para uma compreensão das conexões entre poder e espaço.

Trazemos para a discussão as abordagens do corpo na obra *The production of space* de Henri Lefebvre (1991 [1974]), evidenciando suas potencialidades para fomentar o recém interesse da geografia brasileira pela relação entre corpo e espaço. Por mais esforço que um autor possa fazer para deixar claras suas proposições escritas, cada leitura é um ato criativo que depende dos quadros de referência das pessoas que, ao decifrar a linguagem simbólica do texto escrito, realizam suas interpretações baseadas em suas próprias buscas, interesses e conjuntos de conhecimentos já incorporados. Ler um texto escrito por alguém é uma ação inventiva e exige, muitas vezes, ampliar as proposições do seu autor.

Henri Lefebvre recebeu maior atenção por parte da geografia brasileira em função de suas proposições que envolvem a dialética, a exclusão e o direito à cidade e o crescente processo de modernização das relações capitalistas de produção que tornam o espaço urbano cada vez mais subordinado à lógica de capitalistas, burocratas e urbanistas, conforme argumentam Carlos (2007) e Damiani (2012). Nossa interpretação da obra de Lefebvre (1991 [1974]) é de que o espaço, enquanto um produto da capacidade do corpo humano, pode ser pensado também como possibilidades de resistências às lógicas estabelecidas pelas relações

hegemônicas de poder. As resistências podem ser concebidas a partir do corpo humano, dotado de capacidade corpórea de produzir espaço de existências não hegemônicas.

Condicional a esta operação de leitura sistemática sobre o corpo em *The production of space*, realizamos uma análise da produção científica brasileira buscando compreender os silenciamentos e tensionamentos atuais entre a geografia e o corpo. Para isso foi realizado um levantamento em 90 periódicos (on-line) na área da geografia, alcançando 17.636 artigos em todos os estratos que fazem parte do Sistema Qualis¹ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) no triênio 2013-2015, cobrindo um período temporal de 1974 a 2013². Desse total, 38 artigos têm como temática as discussões sobre o corpo³, evidenciando um eixo recente de investigação, notadamente após os anos 2000.

O artigo está estruturado em duas seções. Na primeira seção são trazidas as abordagens lefebvrianas do corpo, trazendo os vínculos entre a política, o poder e as resistências que envolvem a relação entre espaço e corpo. Na segunda seção são exploradas as abordagens brasileiras sobre o corpo na geografia brasileira e os principais aspectos dessa produção.

As Geografias Corporificadas de Henri Lefebvre

A proposição de Lefebvre de que o espaço é produzido socialmente, vai muito além da produção econômica de mercadorias e incorpora também a reprodução das relações sociais e biológicas da produção capitalista. O espaço como produto social contém as relações sociais de reprodução (que envolvem as relações entre os sexos, entre grupos etários e específicas organizações de famílias) e as relações de produção (as formas de divisão de trabalho e a hierarquização de funções produtivas). Para ele, os dois conjuntos de relações, produção e reprodução estão intrinsecamente interligadas, dependentes uma da outra. E acrescenta ainda:

¹ Este sistema foi criado em 1998 para realizar uma análise da qualidade da produção científica brasileira e estabelece uma hierarquia para distribuição de nota e prestígio entre as revistas científicas. Em 2008 o sistema foi reformulado nos padrões que conhecemos atualmente.

² O Grupo de Estudos Territoriais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) mantém um repositório de dados sobre a produção científica da geografia brasileira que permite uma visão aproximada da publicação de artigos no Brasil. Contudo, é importante lembrar que o banco de dados pode omitir algum trabalho que aborde o corpo e que não esteja na internet, que esteja publicado em revistas ainda não avaliadas pelo Sistema Qualis-CAPES ou, ainda, que não apareça a palavra corpo no campo do título do artigo. Mesmo frente a estas limitações, o repositório ajuda a criar um panorama do campo geográfico brasileiro com relação a esta temática.

³ Foram utilizados os seguintes termos de busca no banco de dados do 'Observatório da Geografia Brasileira' mantido pelo Grupo de Estudos Territoriais: corpo, corporeidade, corporificado, corpóreo, corporal, marcas corporais, diferenças corpóreas.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, o espaço social também contém representações específicas dessa dupla ou tripla interação entre as relações sociais de produção e reprodução. A representação simbólica serve para manter essas relações sociais em um estado de coexistência e coesão. Ela os exhibe enquanto os desloca - e assim os oculta de forma simbólica - com a ajuda de, e sobre o pano de fundo da natureza. Representações das relações de reprodução - são símbolos sexuais, símbolos do masculino e do feminino, às vezes acompanhados, algumas vezes não, por símbolos da idade - da juventude e da velhice. Este é um simbolismo que esconde mais do que revela, tanto mais que as relações de reprodução estão divididas em relações frontais, públicas, abertas - e, portanto, codificadas - por um lado e, por outro, em relações encobertas, clandestinas e reprimidas que, precisamente por serem reprimidas, caracterizam as transgressões relacionadas não tanto ao sexo em si mesmo quanto ao prazer sexual, suas condições e consequências. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 32-33, tradução nossa)⁴.

O espaço social para Lefebvre contém multiplicidades de interações de relações de poder que envolvem, tanto aquilo que é explícito, óbvio, material e mantido pela força bruta da ordem, mas também pelas forças clandestinas e menos visíveis. Assim, ele alerta para as relações de poder inerentes à produção do espaço, já que para manter a norma estabelecida, é preciso policiamento constante. Para compreensão de sua proposta do espaço social ele propõe uma tríade conceitual que deve ser compreendida de forma interdependente entre si, ao mesmo tempo, que cada uma delas pode produzir espaços próprios: a prática espacial, as representações de espaço e os espaços de representação. A prática espacial é compreendida como sendo a ação das pessoas, o uso e a percepção do espaço. As representações do espaço são espaços concebidos pela lógica ligada às relações dominantes de modos de produção e à 'ordem' que essas relações impõem e, portanto, ao conhecimento formal e aos signos e códigos racionais, como é o caso do saber moderno relacionado aos projetos urbanísticos e a cartografia formal. Já os espaços de representação, incorporam simbolismos complexos, codificados ou não, ligados à clandestinidade e à vida social furtiva.

A concepção do espaço como um produto social é difícil de ser compreendida em função de duas formas de ilusão: a ilusão da transparência e a ilusão realista. Segundo ele, a ilusão da 'transparência' do espaço se dá pela lógica de que o espaço é em si um resultado da

⁴ No original: To make things even more complicated, social space also contains specific representations of this double or triple interaction between the social relations of production and reproduction. Symbolic representation serves to maintain these social relations in a state of coexistence and cohesion. It displays them while displacing them - and thus concealing them in symbolic fashion - with the help of, and onto the backdrop of, nature. Representations of the relations of reproduction - are sexual symbols, symbols of male and female, sometimes accompanied, sometimes not, by symbols of age - of youth and of old age. This is a symbolism which conceals more than it reveals. The more so since the relations of reproduction are divided into frontal, public, overt - and hence coded - relations on the one hand, and, on the other, covert, clandestine and repressed relations which, precisely because they are repressed, characterize transgressions related not so much to sex per se as to sexual pleasure, its preconditions and consequences. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 32-33).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

atividade mental, um campo livre da ação dos seres humanos e do tempo. A ilusão realista se faz da ideia ingênua de que as formas materiais revelam em si o real, independente da ação humana e seus significados próprios. Ambas formas de ilusão são conectadas e se nutrem uma da outra, retirando a capacidade da ação humana na produção do espaço e, sendo assim, impossibilitam as interpretações das lutas políticas que estão engendradas na produção do espaço. Para ele, são as 'práticas espaciais' socialmente específicas e os 'espaços de representação' que permitem olhar para as resistências, pois elas são rebeldes, se recusam a reconhecer e obedecer à ordem imposta.

Na medida que Lefebvre (1991 [1974]) traz a ideia de que o espaço se faz de práticas, concepções e vivências em processo de transformação, o autor permite pensar o espaço em sua interação com a política das relações de poder e também nos movimentos de contradições. Além disso, o autor também traz o poder das representações do espaço pela lógica do conhecimento formal que simplifica o espaço por meio da possibilidade da visualização, tornando espaços facilmente legíveis (a ilusão da transparência). Para ele, aí reside uma armadilha para a compreensão do espaço que retira sua complexidade inerente.

Lefebvre (1991 [1974]) alerta que o espaço social contém o jogo de contradições entre a tríade do percebido, do concebido e do vivido e que tais contradições não podem ser vistas apenas como dualidades, oposições ou antagonismos, ou como a imagem de um espelho que meramente materializa as relações de dominação da reprodução dos modos de produção, mas devem ser vistas como complexidade. Para isso, Lefebvre traz o corpo para explorar esta complexidade:

Ao buscar compreender os três momentos do espaço social, pode ajudar a considerar o corpo. Tanto mais que a relação com o espaço de um 'sujeito' que é membro de um grupo ou sociedade implica sua relação com seu próprio corpo e vice-versa. Considerada globalmente, a prática social pressupõe o uso do corpo: o uso das mãos, membros e órgãos sensoriais, e os gestos de trabalho como de atividade não relacionada ao trabalho. Este é o domínio do percebido (a base prática da percepção do mundo exterior, para colocá-la nos termos da psicologia). Quanto às representações do corpo, derivam do conhecimento científico acumulado, disseminado com uma mistura de ideologia: do conhecimento da anatomia, da fisiologia, da doença e sua cura, e das relações do corpo com a natureza e com o seu entorno ou 'meio'. A vivência corpórea, por sua vez, talvez tanto altamente complexa quanto peculiar, porque a 'cultura' intervém aqui, com sua mediação ilusória, via simbolismos e através da longa tradição judaico-cristã, certos aspectos que são descobertos pela psicanálise. O 'coração' vivido é estranhamente diferente do coração como pensado e percebido. O mesmo vale principalmente para os órgãos sexuais. As localizações não podem, absolutamente, ser naturalizadas quando se trata da experiência vivida do corpo: sob a pressão da moralidade, é até possível alcançar o estranho resultado de um corpo sem

órgãos - um corpo castigado, por assim dizer, ao ponto de ser castrado. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 40, tradução nossa)⁵.

A tríade conceitual (práticas do espaço, espaços de representação e representações de espaço) permite pensar o espaço como um produto de energias corpóreas. A corporeidade é energia material que perpassa ações, que produz sentidos de representações e também as vivências. Os sistemas de gestos, para Lefebvre, não são realizados 'no espaço', mas os próprios corpos geram espaço, pois as ações e as vivências estão incorporadas de ideologias. Para ele o espaço não é um vazio preexistente, dotado de propriedades formais sozinho. Tampouco um contêiner esperando para ser preenchido por matéria e corpos. Pelo contrário, Lefebvre afirma que:

Pode-se dizer que o corpo, com a sua capacidade de ação, e as suas várias energias, cria espaço? Seguramente. Mas não no sentido da ocupação dita como uma espacialidade fabricada; em vez disso, há uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre a distribuição do corpo no espaço e sua ocupação do espaço. Antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de se produzir, por alimentar-se daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço e tem seu espaço: ele se produz no espaço e também produz esse espaço. Esta é uma relação verdadeiramente notável: o corpo com as energias à sua disposição, o corpo vivo, cria ou produz o seu próprio espaço; em contrapartida, as leis do espaço, que significa dizer as leis de diferenciação no espaço, também governam o corpo vivo e a utilização de suas energias. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 170, tradução nossa)⁶.

⁵ In seeking to understand the three moments of social space, it may help to consider the body. All the more so inasmuch as the relationship to space of a 'subject' who is a member of a group or society implies his relationship to his own body and vice versa. Considered overall, social practice presupposes the use of the body: the use of the hands, members and sensory organs, and the gestures of work as of activity unrelated to work. This is the realm of the perceived (the practical basis of the perception of the outside world, to put it in psychology's terms). As for representations of the body, they derive from accumulated scientific knowledge, disseminated with an admixture of ideology: from knowledge of anatomy, of physiology, of sickness and its cure, and of the body's relations with nature and with its surroundings or 'milieu'. Bodily lived experience, for its part, maybe both highly complex and quite peculiar, because 'culture' intervenes here, with its illusory immediacy, via symbolisms and via the long Judeo-Christian tradition, certain aspects of which are uncovered by psychoanalysis. The 'heart' as lived is strangely different from the heart as thought and perceived. The same holds a fortiori for the sexual organs. Localizations can absolutely not be taken for granted where the lived experience of the body is concerned: under the pressure of morality, it is even possible to achieve the strange result of a body without organs - a body chastised, as it were, to the point of being castrated. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 40).

⁶ Can the body, with its capacity for action, and its various energies, be said to create space? Assuredly, but not in the sense occupation might be said to 'manufacture' spatiality; rather, there is an immediate relationship between the body and its space, between the body's deployment in space and its occupation of space. Before producing itself effects in the material realm (tools and objects), before producing itself by drawing nourishment from that realm, and before reproducing itself by generating other bodies, each living body is space and has its space: it produces itself in space and it also produces that space. This is a truly remarkable relationship: the body with energies at its disposal, the living body, creates or produces its own space; controversially, the laws of space, which is to say the laws of discrimination in space, also govern the living body and the deployment of its energies. (LEFEBVRE, 1991 [1974], p. 170).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

O corpo marca também aquilo que ele nomeia de ‘espaço absoluto’ e ‘espaço abstrato’. Enquanto o primeiro é concebido pela primeira natureza, o segundo, marca os processos de apropriação espacial e o desenvolvimento da segunda natureza, criando o que ele denomina de ‘espaço abstrato’. No desenvolvimento do que ele chama de espaço abstrato há uma ‘apropriação negativa’, alienante da vida que se sobrepõe ao corpo e ao espaço vivido dos seres humanos que se faz por meio da tecnificação, aprofundamento de processos de dominação da natureza para servir ao capital, bem como da fragmentação do espaço. Na constituição do ‘espaço abstrato’ o corpo deixa de ser apenas primeira natureza, ele é também tornado ‘espaço abstrato’ porque é apropriado pelas relações de produção, pelas tecnologias, bem como pelo aumento da regulação e da punição do corpo humano. É nesse sentido que Lefebvre advoga a necessidade social de reapropriação do corpo dominado como possibilidade de emancipação.

É sob o poder do ‘espaço abstrato’ que o corpo também acaba pulverizado e ganha contornos de abstração. Para Lefebvre (1991[1974]), o espaço abstrato não é em si homogêneo, mas ele se faz tendo a homogeneidade como uma meta. O ‘espaço abstrato’ se produz pela violência, pela guerra e pelas instituições do Estado, servindo de instrumento para acabar com as diferenças e as resistências. O ‘espaço abstrato’ para Henri Lefebvre tem a aparência de homogêneo, mas não o é pois ele se faz de uma dualidade inerente. Ele é ao mesmo tempo a representação do espaço (modelo geométrico, projetos urbanísticos) e representacional (o fálico, a ordem). Esta falsa coincidência mascara a potência da ação prática dos seres humanos, já que o ‘espaço abstrato’ não está pronto e acabado, mas permanece sendo uma arena de ação prática, de conjuntos de imagens, sinais e símbolos. Isso traz um caráter ilimitado para as vivências, fazendo emergir os elementos do percebido, do concebido e do vivido como política do espaço.

A fragmentação e a homogeneização são frutos da mercantilização crescente do espaço que exige, cada vez mais, a possibilidade de intercâmbio, permutas e comparações. A fragmentação é um resultado da separação das atividades produtivas das atividades de reprodução das relações sociais e é nessa condição que o corpo do trabalho e o corpo do desejo e do prazer também se realiza na forma fragmentada, gerando assim a ilusão de que se pode compreender a esfera da produção de forma independente da reprodução.

O triunfo das relações de troca sobre o valor de uso do espaço constitui também a lógica da visualização absoluta, em que o significante é liberado e separado do significado. Lefebvre (1991 [1974]) argumenta que há três aspectos formadores que criam a pretensa homogeneidade do espaço abstrato que são conectados entre si: os formantes geométrico, *Caaderno 177uaenimo de Geografia, 1777uaenimo 1777uaenimo, n. 41, v. 3, Dossier “Geografias interseccionais: genero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, jul-dez, 2019.*
ISSN: 2176-5774

visual e fálico. O formante geométrico que faz do espaço uma representação plana de projeções e representações, trazendo consigo a ideia de neutralidade e verdade. O formante visual constitui a ideia de que as coisas são exatamente aquilo que parecem ser e que a dominação do visual suplanta os outros sentidos como o tato, o olfato, o gosto e outras formas de percepções. O formante fálico representa o poder e o domínio da força masculina, do poder político, dos meios de coação, de polícia, do exército e da burocracia. Tais elementos formantes constituem o espaço abstrato da modernidade que paulatinamente atingem o urbano, o corpo e o cotidiano:

Tendo perdido o status de natureza, apelando em vão para uma 'cultura' do corpo, o sexo, ele mesmo torna-se não mais que uma localização, uma especificação, uma especialização com seus lugares e órgãos - as zonas 'erógenas' (como designadas pelos sexólogos), 'órgãos' de reprodução. A sexualidade, nem natural e nem cultural, parece dominada como um sistema codificado e decodificado especificando a tarefa de medição entre o 'real' e o imaginário, entre desejo e a angústia, entre a necessidade e a frustração. Confinado pela abstração do espaço fragmentado em lugares especializados, o corpo, ele mesmo se fragmenta e se pulveriza. O corpo representado pelas imagens da publicidade (as pernas pelas meias, os seios pelos sutiãs, o rosto pela maquiagem, etc.), serve para fragmentar o desejo e condená-lo à frustração ansiosa e à insatisfação das necessidades locais. No espaço abstrato onde quer que se sinta sua influência, a morte do corpo se cumpre de duas maneiras: uma simbólica e outra concreta: concreta como efeito da violência, simbólica mediante a fragmentação do corpo vivo. Isto é particularmente verdadeiro no caso do corpo feminino, transformando em valor de troca, signo de mercadoria e ele mesmo em mercadoria. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 309-310, tradução nossa)⁷.

Na perspectiva do 'espaço abstrato', ou seja, em que há uma apropriação e reconfiguração do próprio corpo em valor de troca, em uma mercadoria, o corpo perde sua capacidade de potência e os corpos são cooptados pelo poder, constituindo-se em simplesmente usuários de espaço, mas não exatamente produtores. Os corpos são produtores de espaço quando reinventam e se apropriam da vida, rompendo com a lógica do 'espaço abstrato' constituindo o que ele chama de 'espaço diferencial'.

⁷ Its natural status gone, its appeals for a 'culture' of the body unheeded, sex itself becomes no more than another localization, specificity or localization, with its own particular location and organs – 'erotogenic zones' (as assigned by sexologists), 'organs' of reproduction, and the like. Now neither natural nor cultural, sexuality is apparently controlled as a coded and decodable system allotted the task of mediating between the 'real' and the imaginary, between desire and anxiety, between needs and frustration. Confined by the abstraction of a space broken down into specialized locations, the body itself is pulverized. The body as represented by the images of advertising (where the legs stand for stockings, the breasts for bras, the face for make-up, etc.) serves to fragment desire and doom intense to anxious frustration, to the non-satisfaction of local needs. In abstract space, and wherever its influence is felt, the demise of the body has a dual character, for it is at once symbolic and concrete: concrete, as a result of the aggression to which the body is subject; symbolic, on account of the fragmentation of the body's living unity. This is especially true of the female body, as transformed into exchange value, into a sign of the commodity and indeed into a commodity per se. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 309-310).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

Para Lefebvre o ‘espaço diferencial’ se faz das contradições inerentes do próprio processo de formação do ‘espaço abstrato’. É o corpo, como produtor da diferença por meio de ritmos, gestos, imaginação e práticas que irrompe a diferença e faz frente a força da abstração, da homogeneidade e da fragmentação. Para ele:

A vida cotidiana não pode ser compreendida sem a compreensão da contradição entre o ‘uso’ e a ‘troca’ (entre os valores de uso e troca). Mas é o uso político do espaço, contudo, que restitui o máximo do valor de uso; ele o faz em termos de recursos, situações espaciais e estratégias. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 356, tradução nossa)⁸.

A apropriação do espaço pelos corpos, com sua capacidade de inventar novas formas de espaço, que Lefebvre alerta para a luta contra o espaço abstrato (homogêneo e fragmentado). Há uma tensão permanente em que as diferenças sejam desencorajadas, marginalizadas e extintas. Contudo, ele alerta que há espaços que evidenciam brechas, como é o caso dos espaços de lazer. Segundo ele, mesmo que os espaços de lazer sejam tomados pela lógica mercadológica, há as fissuras em que o corpo se torna protagonista por reivindicar sua capacidade geradora de práticas e de uso, constituindo assim as diferenças. Segundo ele:

O enigma do corpo, seu segredo superficial e profundo, é sua habilidade para além de ‘sujeito e ‘objeto’ (e de sua distinção filosófica entre eles), de produzir ‘inconscientemente’ diferenças a partir das repetições, dos gestos (lineares) e dos ritmos (cíclicos). No mal interpretado espaço do corpo, um espaço próximo e distante ao mesmo tempo, esta união paradoxal do repetitivo e diferencial – esta forma mais básica de ‘produção’ – ocorre eternamente. O segredo do corpo é dramático, pelo tempo que foi trazido à existência, embora um portador do novo, como na progressão da infância para a maturidade, também produz uma terrível e trágica repetição - na verdade, a repetição final: a velhice e a morte. Essa é a diferença suprema. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 395-396, tradução nossa)⁹.

O corpo vivo, o corpo das necessidades, é diferente de um corpo abstrato e o simples fato de existir, implica produzir espaço e portanto, diferenças. O direito de existir em nome do direito às diferenças, traz o corpo para o centro do debate sobre o espaço social:

O direito a diferença designa formalmente o que pode resultar da ação prática, através de lutas efetivas: as diferenças concretas. O direito à diferença não comporta nenhum direito que não tenha sido duramente

⁸ Thus everyday life cannot be understood without understanding the contradiction between use and exchange (use value and exchange value), It is the political use of space, however, that does the most to reinstate use value; it does this in terms of resources, spatial situations, and strategies. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 356).

⁹ The enigma of the body - its secret, at once banal and profound – is its ability, beyond 'subject' and 'object' (and beyond the philosophical distinction between them), to produce differences 'unconsciously' out of repetitions - out of gestures (linear) or out of rhythms (cyclical). In the misapprehended space of the body, a space that is both close by and distant, this paradoxical junction of repetitive and differential – this most basic form of 'production' - is forever occurring. The body's secret is a dramatic one, for the time thus brought into being, though a bearer of the new, as in the progression from immaturity to maturity, also brings forth a terrible and tragic repetition - indeed the ultimate repetition: old age and death. This is the supreme difference. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 395-396).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

conquistado. A legitimidade desse 'direito' repousa no seu conteúdo; ele é então diametralmente oposto ao direito de propriedade, cuja validade é dada pela forma lógica e legal como o código básico de relações sob o modo capitalista de produção. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 396-397, tradução nossa)¹⁰.

É o espaço produzido pelos corpos vivos que criam a riqueza das diferenciações, enquanto a lógica formal da razão tende a criar espaços menos variados. Para ele a corporificação do espaço tensiona a abstração do espaço, os processos de alienação da vida, bem como a forma de conceber o espaço a partir da posição do olhar dominante, pois para ele, não há um 'pensador puro', mas um ser corporificado. É a ideia da lógica formal que mascara tal corporificação, pois, segundo ele:

O 'Logos – Rei' é protegido, de um lado, pelo Olho – o olho de Deus, do Pai, do Senhor e do Amo – que responde à primazia do reino visual, das imagens e suas dimensões gráficas, e de outro lado, pelo princípio fálico (heroico e militar) que pertence a uma de suas propriedades principais, ao espaço abstrato. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 408, tradução nossa)¹¹.

O 'olho de Deus' que é uma metáfora para designar a posição privilegiada do olhar masculino, neutro e universal que sustenta a ideia do espaço abstrato, sua fragmentação e homogeneização, tende a ser deslocado pelos elementos de diferença que emergem pela corporificação dos espaços. Para Lefebvre a filosofia ocidental contribuiu fortemente para o abandono ou a negação do corpo, pois este desestabiliza a homogeneidade e a razão. O corpo vivo não suporta as separações do concebido e do vivido, do mental e do material e assim por diante, constituindo a complexidade, necessária para a compreensão do espaço social. Segundo ele:

O espaço inteiro (social) procede do corpo, ainda que ele submeta o corpo a tais metamorfoses que possam fazê-lo esquecer, ainda que possa se separar tão radicalmente do corpo até matá-lo. A gênese da ordem longínqua pode ser apenas responsabilizada com base na ordem mais próxima de nós, a ordem do corpo. No corpo, considerado espacialmente, as sucessivas camadas de sentidos (do olfato à visão, tratados como diferenças em um campo diferenciado) prefiguram os níveis do espaço social e suas interconexões. O corpo passivo (os sentidos) e o corpo ativo (o trabalho) se conjugam no espaço. A análise dos ritmos deve servir a

¹⁰ The 'right to difference' is a formal designation for something that may be achieved through practical action, through effective struggle - namely, concrete differences. The right to difference implies no entitlements that do not have to be bitterly fought for. This is a 'right' whose only justification lies in its content; it is thus diametrically opposed to the right of property, which is given validity by its logic and legal form as the basic code of relationship under the capitalist mode of production. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 396-397).

¹¹ King Logos is guarded on the one hand by the Eye - the eye of God, of the Father, of the Master or Boss - which answers to the primacy of the visual realm with its images and its graphic dimension, and on the other hand by the phallic (military and heroic) principle, which belongs, as one of its chief properties, to abstract space. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 408).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

necessária e inevitável restituição do corpo total. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 405, tradução nossa)¹².

Como pode ser visto, a proposta filosófica de Lefebvre em *The production of space* oferece muito mais do que uma análise marxista clássica do espaço e vai muito além da esfera da produção. Para ele, a produção e a reprodução são interdependentes, bem como as formas de concepção de saber sustentadas pelo falocentrismo. Apesar de sua abordagem do espaço social ser potente para produzir um processo de corporificação do conhecimento geográfico, a filosofia lefebvriana que foi utilizada na geografia brasileira realizou uma filtragem interpretativa, privilegiando o espaço da produção econômica. Na seção a seguir são apresentadas as proposições de corporificação da geografia brasileira.

A Persistência de uma Geografia Descorporificada no Brasil e os Novos Tensionamentos

O corpo é um dos elementos mais importantes na filosofia lefebvriana, já que é ele que produz a potência para produzir o ‘espaço diferencial’, capaz de fazer frente ao ‘espaço abstrato’, cada vez mais dominado pela tecnificação, fragmentação e homogeneização. Apesar de a geografia brasileira ter tido forte influência de Lefebvre e o corpo ser um elemento importante de sua filosofia, a corporeidade lefebvriana foi negligenciada pela interpretação geográfica brasileira. Esta afirmação se sustenta no levantamento em 90 periódicos (on-line) na área da geografia, alcançando 17.636 artigos em todos os estratos que fazem parte do Sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) no triênio 2013-2015, cobrindo um período temporal de 1974 a 2013. Desse total, apenas 38 artigos mencionam o corpo como elemento de análise geográfica. Damiani (2012) argumenta que a análise do espaço no Brasil foi majoritariamente pautada pela esfera da produção. Em nossa interpretação de Henri Lefebvre em *The Production of Space*, essa escolha é contraditória com as próprias concepções do autor que argumenta a interdependência das esferas de produção / reprodução.

¹² The whole of (social) space proceeds from the body, even though it so metamorphoses the body that it may forget it altogether – even though it may separate itself so radically from the body as to kill it. The genesis of a far-away order can be accounted for only on the basis of the order that is nearest to us – namely, the order of the body. Within the body itself, spatially considered, the successive levels constituted by the senses (from the sense of smell to sight, treated as different within a differentiated field) prefigure the layers of social space and their interconnections. The passive body (the senses) and the active body (labour) converge in space. The analysis of rhythms must serve the necessary and inevitable restoration of the total body. (LEFEBVRE, 1991 [1974]), p. 405).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

Justamente os aspectos que não chamaram atenção da geografia brasileira na obra de Lefebvre, o corpo, as diferenças, a vida cotidiana, o colonialismo, o falocentrismo, inspiraram a produção das geografias feministas e também antirracistas, como argumentam Goonewardena *et al.* (2008).

Apesar de Lefebvre não ter realizado reflexões sobre gênero, sua filosofia inspirou várias geógrafas feministas como McDowell (1999), Rose (1993) e Fenster (2005) a realizarem conexões entre espaço e as injustiças ligadas ao gênero, sexualidades e racialidades. Beebejaun (2017) argumenta que o direito à cidade é generificado e segundo ela, em meio à cidade formal planejada pelos arquitetos e urbanistas, as práticas espaciais de moradores urbanos marginalizados pelas marcas corporais (mulheres, homossexuais, negros) revelam uma arena urbana mais complexa na qual os direitos são constantemente negociados. Portanto, uma imaginação do espaço como dinâmico e como uma esfera-chave para explorar as relações de poder implica a compreensão de como o espaço é apropriado e usado por pessoas, cujas marcas corporais, gestuais e comportamentais não podem ser facilmente encobertas.

As ideias de Lefebvre sustentam que o espaço é resultado não apenas da produção de objetos e bens materiais, mas também de práticas sociais, conhecimento, estruturas sociais e instituições e esses aspectos foram estimulantes para a produção das geografias feministas dos anos 70 e 80 que postulavam que a produção do espaço ia além das relações meramente econômicas, mas também políticas e culturais.

Além disso, as feministas também compartilharam com Lefebvre a compreensão do falocentrismo na política e no conhecimento científico que impactam nas formas com que as mulheres se apropriam, usam o espaço e como suas demandas não são consideradas importantes para o campo geográfico.

Importantes conquistas foram a integração de assuntos considerados ‘pessoais’ para a discussão da esfera pública e do acesso à cidade como a violência doméstica, o feminicídio, a violência sexual, estupro, aborto, divórcio, maternidade e assim por diante. Interessante é perceber que foi justamente os aspectos que estruturam o que Lefebvre ([1974] 1991) chamou de ‘espaço diferencial’, potencializado pelo corpo, que inspiraram as geografias feministas.

Apesar da ascendência que a filosofia de Henri Lefebvre tem na geografia brasileira e sua potencialidade para o estudo do corpo, este elemento inspirou poucas análises. A produção científica sobre o corpo na geografia brasileira é recente. A produção dos 38 artigos encontrados está concentrada após os anos 2000 e majoritariamente publicada em revistas *Caernno Iruaenimo de Geografia, Iruaenimo Iruaenimo, n. 41, v. 2, Dossier “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 63-77, jul-dez, 2019.*
ISSN: 2176-5774

classificadas no estrato B, sendo que apenas 4 artigos estão no estrato A, julgado o mais valorizado, conforme os critérios de classificação da CAPES. Considerando que os periódicos de melhor classificação no referido sistema concentram maior prestígio científico, pode-se presumir que a temática do corpo não ocupa um lugar central e já legitimado, mas tem sido criada a partir das periferias da produção científica geográfica brasileira¹³.

Os 38 artigos foram agrupados em sete conjuntos temáticos: corpo e ciência (39,5%), corpo feminino (18,5%), corpo e religião (10,5%), corpo e sexualidades (10,5%), corpo negro (7,9%), corpo e movimentos sociais (7,9%) e corpo e juventude (5,2%). A análise da sustentação teórica dos conjuntos dos textos evidencia uma grande diversidade interna nas bases teóricas sobre o corpo, mas definitivamente, Lefebvre não faz parte dos poucos textos da geografia brasileira que abordam o corpo.

Os textos que produziram um discurso sobre a relação entre corpo e ciência utilizaram majoritariamente a fenomenologia de Merleau-Ponty e Martin Heidegger. A relação entre espaço e corpo feminino foi predominantemente sustentada pelas teóricas feministas Simone de Beauvoir e Joan Scott. A relação entre sexualidade e corpo está pautada por Judith Butler e Michel Foucault. Nos artigos que evocam o corpo e a religião, não há uma posição teórica explícita sobre a compreensão de corpo, mas ele aparece como um instrumento para a criação de significados, trazendo a fenomenologia para compreender o universo simbólico religioso. A mesma falta de esclarecimento sobre o conceito de corpo foi detectado nos artigos sobre juventude, sendo o corpo tomado como um estágio de um sujeito genérico que produz espaço. Já nos artigos sobre o corpo negro destaca-se uma diversidade de autores que sustentam essas proposições, desde Milton Santos, Félix Guattari, Michel Foucault até Judith Butler.

A diversidade de sustentação teórica que envolve o pequeno conjunto de artigos tomados como referência impossibilita afirmar que há um campo de estudos sobre o corpo na geografia brasileira. Contudo, está claro que há inquietações científicas que tem trazido o corpo como um elemento de análise geográfica. O que estes textos trazem em comum é a ideia de que as vivências e experiências espaciais, desenvolvidas por sujeitos concretos e corporificados constitui disputas e um caráter dinâmico ao espaço.

Além disso, é possível argumentar que a relação entre corpo e espaço é elaborada a partir de duas tendências. A primeira evidencia que o corpo tem sido utilizado nos artigos

¹³ Utilizamos o termo 'periferia de produção científica geográfica' para identificar os locais de enunciação que não possuem o privilégio de desfrutar de patamares elevados nos processos de avaliação por parte dos órgãos de governo.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

analisados para definir um conjunto específico de pessoas ou um grupo social que desenvolve relações espaciais específicas, como é o caso de jovens, religiosos, mulheres, homossexuais e transexuais. A segunda tendência observada nos textos é a utilização da ideia de que o sujeito é uma entidade que 'possui um corpo' que se relaciona com uma exterioridade, o espaço. Tal relação, que tem o corpo como mediação, constitui identidades e vivências particulares.

A geografia brasileira tem sido tensionada para que o corpo possa ser contemplado na análise geográfica. O que parece estar claro nesse conjunto de artigos é que há corpos com marcas específicas que passaram a ser foco de interesse, como mulheres, negros, homossexuais, jovens e religiosos. Os corpos então ganham importância quando essas marcas localizam os seres humanos em uma determinada estrutura de relações de poder e acabam sendo fundamentais na produção de experiências espaciais específicas.

Embora todo ser humano possua um corpo, há um conjunto de sujeitos que não sente o peso da corporalidade. Os homens bancos, cis¹⁴, heterossexuais, saudáveis e adultos são capazes de pensar livres das limitações de um corpo colocado em um tempo e lugar específicos. Este grupo tem um corpo, mas transcende esta matéria, já outros, são seus corpos. Para esses, a existência corpórea marca suas experiências espaciais e constrói um campo de possibilidades específicas para existir social e espacialmente. Na cultura ocidental, enquanto um conjunto de homens podem transcender a matéria que é apenas um recipiente para a consciência pura, o mesmo não é permitido aos sujeitos marcados pelas formas corpóreas, genitália, gestual generificado, cor da pele, condições específicas de saúde e doença e dos estágios de curso de vida como crianças, jovens e idosos.

O falocentrismo apontado por Lefebvre, instituidor da racionalidade masculinista que acredita que o conhecimento pode ser produzido de forma separada de seu corpo, emoções, valores, experiências passadas e assim por diante, que está sendo questionada por este conjunto de artigos que trazem o corpo como um elemento de consideração da análise geográfica. Na perspectiva de Lefebvre, reapropriação do corpo dominado é o caminho de possibilidade de emancipação do espaço abstrato e para isso, é fundamental que outras formas de pensar o corpo sejam produzidas na geografia.

Conclusões

Argumentamos nesse texto a potencialidade da filosofia de Henri Lefebvre em *The production of space* para os estudos sobre o corpo e a sua rara utilização na geografia brasileira.

¹⁴ Nomenclatura que define pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades" p. 63-77, jul-dez, 2019.*
ISSN: 2176-5774

A obra de Lefebvre está aberta a múltiplas leituras e um número quase infinito de compreensões. A interpretação realizada por nós permite afirmar que as proposições lefebvrianas sobre a produção do espaço são ricas e sugestivas para promover o corpo na análise geográfica brasileira e, apesar de pouco utilizada, é justamente a ideia de corpo em Lefebvre que abre os caminhos da utopia da reapropriação humana do espaço, da humanização das cidades e, principalmente do direito inerente à diferença social.

O espaço corporificado pode se constituir uma importante agenda de pesquisa e produção de saber geográfico, capaz de constituir uma ciência que possibilite a compreensão dos corpos marcados, alvos de preconceitos, a reinterpretar suas experiências de exploração e violência cotidiana, fazendo dessa prática científica a potência de compartilhamento de transformação social e de liberdade.

Referências

- BEEBEEJAUN, Y. Gender, urban space, and the right to everyday life. Gender, urban space, and the right to everyday life. **Journal of Urban Affairs**. v. 39, n. 3, p. 323-334, 2017.
- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- DAMIANI, A. L. Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. **Revista do Departamento de Geografia – USP**. v. Especial 30 Anos, p. 254 – 283, 2012.
- FENSTER, T. The Right to the Gendered City: Different Formations of Belonging in Everyday Life. **Journal of Gender Studies**. v. 14, n. 3. p. 217-231, 2005.
- GOONEWARDENA, K; KIPFER, S; MILGROM, R; SCHMID, C. **Space, difference, evaryday life: Reading Henri Lefebvre**. London: Routledge, 2008.
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.
- McDOWELL, L. **Gender, Identity, and Place: Understanding Feminist Geographies**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- ROSE, G. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

Submetido em: Janeiro de 2019.

Aceito em: Fevereiro de 2019.